

A Lagrima

DR. SOUZA CHRISTINO

O dr. João José de Souza Christino é brasileiro de nascimento, portuguez adoptivo e barcellense de coração.

Filho de paes lusitanos, foi ao clarão ardente do sol dos tropicos que soltou os primeiros vagidos; e pelas noites balsâmicas d'aquellas feracissimas regiões, quando pequenino, era a litar o brilhante e symbolico cruzeiro do Sul que julgava comprehender os magicos accordes do sabiá.

Orphão de mãe, veio para Portugal antes da adolescencia, começando por substituir, com a facilidade adaptiva dos tenros annos, a paisagem vigorosa do Brazil pela paisagem, menos imponente mas bem pittoresca de S. Romão de Fonte Coberta, d'este concelho.

Foi n'esta freguezia, na quinta de Caçuz, que, com as enternimencias necessarias á educação do filho querido, se estabeleceu seu jovial e honrado pae, João José Christino, um sympathico velho que o destino cegára nos ultimos tempos da sua existencia; mas que valentemente se desforrara dos despropositos da sorte sendo o amparo dos pobres e o conselheiro desinteressado de todos os comparochianos.

Foi d'ahi o amor do dr. João Christino a Barcellos.

Desde os bancos das aulas até os ultimos

momentos de facultativo militar (cirurgião mór), posição que exerce com a maior integridade, o nosso biographado, que tem no maximo grau a adoração pela familia, emoldura esse amor intimo e absorvente no panorama

poetico de Barcellos é, alma de verdadeiro artista, não pode separar o quadro da moldura, porque não pode destacar os queridos personagens de tão saudoso meio.

Se é esta a terra de seus filhos!

O dr. Christino é um conversador de primeira ordem, fazendo no tempo de estudante as delicias dos recreios escolares.

Estylista primoroso, deve-lhe por igual dedicados affectos, a pintura e a photographia, que cultiva com conhecimento.

Como clinico não só tem a consagração de todos

os barcellenses, como a de diversas localidades aonde tem exercido a profissão da maneira mais distincta.

A «Lagrima» vota ao dr. João Christino a sympathia que lhe merece e chora apenas a falta de espaço para lhe fazer o elogio appetecido.

Fabricio

CUMPRIMENTOS

A «Lagrima» envia-os, mui sinceramente, aos novos vereadores, que, no proximo dia 2 de janeiro de 1899, vão tomar logar nas cadeiras municipaes.



Não pode ella, risonha e satisfeita, deixar de enviar-lhes o seu cartão de felicitações, agora que todos trocam as *boas-festas*.

¿Vão tomar conta de umas cadeiras un tanto rotas e desbotadas? . . .

¿Vão administrar um município, cuja receita orça pela sua despeza ordinaria e obrigatoria, não lhes restando, sequer, um *patuco* falso para os demais dispendios *facultativos*, segundo a lei, mas tanto ou mais obrigatorios, conforme a necessidade dos respectivos municipios?

E' claro que sim; mas tambem não é menos certo que o importante concelho de Barcellos tem posses, tem forças e tem vida, mais do que sufficientes, para corresponder ás necessidades d'esta ou d'aquella boa administração, que uma porventura instruida ou conscienciosa Camara, intenda impôr-lhe.

Têm, pois, difficuldades a vencer, mas meios para fazer com que ellas desapareçam.

Podemos, portanto, dar-lhes as boas vindas.

Sejam, pois, bem vindos; mas . . . não durmam os novos vereadores a somno solto nas cadeiras, que os *gordos* ou *magros* assentos de seus antecessores, têm occupado.

E' o que desejamos, não só para felicidade d'este infeliz município, mas, tambem, para que os novos gerentes da administração municipal tenham sempre os nossos sinceros encômios.

Cumpre, assim, a «Lagrima» o seu dever de etiqueta.

E do mesmo modo se não esquecerá das suas outras obrigações, em que será igualmente escrupulosissima.

Porisso:

Considerando que o porquinho á solta, esquecido aos serrabulhos, do tempo, que corre e que, felizmente, correrá nos primeiros tres mezes do proximo anno;

Considerando que a gallinhinha andada na rua, não sujeitada á lei do garrote e não cozida na panela com feijão branco, orelheira e chouriçame, etc.;

Considerando que o cão vagueando sem aça-mo e com perigo das canellas dos transeuntes;

Considerando que a regateira ou açambareadora, andando a horas prohibidas a comprar no mercado—quer seja a *Nacha* ou seu compadro, mulher d'*Ispozende*, ou sardineiro da Povoá, que venda—junctamente com seu burro—sardinha á porta da praça;

Considerando que os zeladores—em vez de cumprirem as suas obrigações se pizerem a beber o seu calix de *barbante*, ou comer de companhia com os seus;

Considerando que os accordãos e deliberações da Camara, illegalmente dados, segundo as instrucções dos dignos filhos dos Passos;

Considerando que o vereador do pelouro não cuidadoso dos interesses do municipio;

Considerando, enfim, que to los estes podem não cumprir as respectivas obrigações;

Considera, porisso, a «Lagrima», que em taes, casos e sem offensa, lhe deve ser consentido dependurar o respectivo criminoso no seu quintal da troça e no qual existem já verdadeiros leitões esfollados, que alias se tornaram merecedores do seu chicote de irrisão.

E' assim que procederá a «Lagrima», sempre, ainda que na sua senda a rir . . . tenha de chorar as dores provenientes da agrosidade do caminho em que posta.

E, repetimos, assim procederá, porque ella—«nenhum tolo se conhece», diz o dictado—vae caminhando rectamente na sua missã de civilisação e progresso, que, a rir, se impoz para com esta terra querida e a quem muito deseja . . .

NOTAS DA QUINZENA

Anuncia-se que o Santo Padre concede privilegio aos povos christãos para comerem carne, aos sabados, embora de porco ou de porca, de boi ou de vacca. . .

E' caso para applaudir tal resolução, e muito, até pela verba de importancia lançada, com favor, no quociente, a respeito do lucro dos marchantes. . .

Parabens á 'christandade e, nomeadamente, aos Carvalhos, de Barcelinhos

Pode dizer-se que Leão XIII procedeu equitativamente, na sua medida, porque todos somos filhos de Deus—embora que uns de barro e outros d'uma costella. . .

Ha, porém, um senão. E' que nem todos podem comer costellets, contentando-se com os ossos que lhe furam a pelle, sem desrespeito para os lombos do Peixoto. . .

Entrou-se ha muito no dominio absoluto dos serrabulhos.

Tempo de neve e de chuva! . . .

Passa á *campa raza* d'uma salgadeira a carne morta do suino porco.

Na familia ha a verdadeiaa franqueza.

O jantar é abundante.

Assiste a elle o parcho, em particular, e o regedor, se fôr da *côr*; enfim todos os especificos amigos do chefe da casa, ou do tronco.

Veem para a meza as papas embatorrantes, como guarda avançada d'um *memu* flatulento; succede-lhe o cozido abundante, com os ossos do defunto, do anno transacto; o arroz do forno, com a crosta manchada de salsa, é indisper-savel. E por ahi a fóra o rajão, a tripa, o lombo, inundam os estomagos, de tal feito, que o levam ao *ponto*. . . da *gordura*.

A LAGRIMA

... Mas em compensação vem o café, a aguardente, como capa de misericórdia...

A família, no entanto, abriu-se em generosidades. Guardou para aquelle dia o vinho *abafado*, branco e tinto, que nos copos espumou—merecendo encomios dos assistentes quanto á sua qualidade. «... E' muito gasoso; tem uma *agulha*; acé *suffoca* a garganta...»

Tempo de serrabulhos, como tu és saudoso para os estomagos chiros de *botica*; ao por do sol saturados d'azia.

Tolos, consoante as suas forças, fazem do serrabulho uma especie de *natal*.

Porém, os nossos amigos abb.º Paes e J. Rodrigues de Faria, costumam caracterisar, n'este concelho, por uma fórma suggestiva e alegre, essas pantagruelicas funcções, animando-as, sobremaneira, com cavacos excellentes, em que a pilheria é o *mot d'ordre*.

Venham—graças á resistencia d'ago do nosso estomago—os serrabulhos!

Os pobres tambem tem direitos ao *serrabulho natalizo*.

Partiu do «Barcellos», como poderia partir do «Commercio» ou da «Folha», a ideia de suavisar as agruras da sorte, da pobreza d'esta terra, mediante a distribuição, na consoada, d'uns cobres, que vae angariando em suas columnas.

«A caridade, diz um avançado escriptor, é filha da imperfeição social», porém, emquanto na busca do progresso se não equilibrar, civilisadoramente, o *desejo do modus vivendi*, vamos-nos nos impulsos de, superficialmente, atenuar o mal.

Ora pois...

Cada cabeça, cada sentença.

... Deveremos com o nosso tostão contribuir para a edificação do *canhoto*, que é costume arder nos frigidios lares, onde a miseria se aquartella.

Continua absorvendo as atenções, a criação da comarca d'Espozende e a attitude cadaverica d'esta terra, perante o facto.

O barcelense faz-nos lembrar um naufrago que Victor Hugo pintou nos seus «Miseraáveis».

... Em pleno mar, longe da terra e longe de embarecação, em lucta com o elemento, elle vê longe o bardo que o transportava e do qual caiu ao abysmo.

Tem agua, o infeliz, por todos os lados; por baixo, e, a miude, por cima.

Lucta como um heroe.

• Agita os braços; chama socorro.

No alto, a immensidade dos ceus, é-lhe já a tampa... do sepulchro.

Sobre a indifferença do nosso habitante borda considerações a philosophia pratica...

Pede-se, como compensação para o *mal*, um liceu para Barcellos...

Queremos um liceu e não quizemos a aula de latim que vinha do tempo dos frades; queremos um liceu e não quizemos uma aula complementar, que nos punha a nivel de Paio Pires!...

Esta santissima terra vê-se hoje á mercê d'um homem, que a força das circumstancias impoz á admiração de todos, pelo seu trabalho, pela sua honestidade, pela sua intelligencia, pelo seu saber.

E' o sr. Manuel José Nunes Pereira, que, pequeno qual outro Napoleão, sem retribuições do Estado, anda, como professor, a conquistar a ignorancia com essa força poderosissima como nenhum exercito—*a instrucção!*

Toque aqui sr. Nunes.

O actor Fernandes, homem que, restaurado da voz, canta agora são como um galo, depois da meia noite, e faz parte, por assim dizer, da familia barcelense, tem andado por este mundo de Christo á cata de mulheres e de homens que representem a vida, triste e alegre, no palco.

E' assim que elle, entre nós, isto é, n'esta terra, com companhia dramatica, promete das noites de inverno a seguir fazer verdadeiros dias de primavera felizes, n'um barracão que vae levantar no Campo da Feira, de sociedade com o actor José Pedro.

Um abraço... ás actrizes.

Sr. Figueiredo:

Primeiro que tudo temos muito prazer em avivar aqui aquella verselhada do João Valongo:

O senhor, o senhor,

O senhor—já não é o regedor:

Já se sabe, pois se v. s.ª é o proprio a declarar-o ao povo d'estas duas margens do Cavado...

Ha uma cousa, porém, que escusava de fazer saber:

«... fui exonerado, a meu pedido, por os meus allazeres me não permitirem a continuacão do exercicio do referido cargo.»

No seu logar nós não estavamos cá com satisfacções a ninguem; mandavamos, pela calada, o logar ao d'abo.

Sim, porque o v. s.ª a declarar que tem muito que fazer, isso não leva o proximo a ajudalo, ao menos de graça e a secco.

Outra cousa. Não gostamos, no communicado que nos dirige, d'esta, outra parte em que diz que as importancias dinheiras devidas á sua regedora pessoa como é de lei, as vae entregar, por meio d'outrem, aos pobres.

Aos colleccionadores d'este quizenario ou rece-se amanhã, gratuitamente, o n.º d'hoje, formato usual, isto por não chegar honrem a tempo o papel do costume, para a impressão.

Nós não procedíamos d'essa maneira, porque, como finos, sabemos bem o que fazemos, muitissimo bem, e não precisamos de mandar exercer a nossa caridade por o semelhante.

O sr. regedor fez-nos lembrar n'isto—*perdoie* a franqueza—aquelles que mandam assignar a rogo...

Devia V. S.^a ir pela calada da noite procurar os centros da miseria e—como um fidalgo barcellense, que passou para lá os portaes da catacumba—perguntar, embora soubesse: «faz o favor de me dizer aonde mora n'esta rua, becco, viella ou largo, o infeliz que diz tal jornal, tal gazeta, tal folha, (o que quizesse) e que morre de fome!» Mais adiante repetia a religiosa pergunta.

«Sabe porque?»

«Porque a mão direita não deve saber o que a esquerda faz... salvo se v. s.^a, sr. ex-regedor, é maneta... Mas por força não é. V. S.^a tem propriamente «muito que fazer» e, commerciante, que é, precisa do serviço braçal, ora para levantar o bacalhau, ora para rachar pau campeche.

No final do seu communicado V. S.^a chamamos leviano, o que é falso, pois somos jornalista e de tal envergadura que não temos receio em declarar que ainda hoje sustentamos uma campanha, sobre qualquer assumpto, com o fallecido Antonio Rodrigues Sampaio.

O sr. ex-regedor hade nos dizer se o communicado que publicou foi feito pelo seu punho ou pelo d'algum amigo.

Se é da lavra de V. S.^a está mal feito; se, porém, é devido á penna d'outra pessoa, está bem escripto.

Isto parece desconchavo e não é.

V. S.^a decerto não desconhece aquelle caso em que um José dos Anzoes foi declarado morto por um medico, seu assistente, contra o que o tal Zé se revoltou, dizendo que «estava vivo», ao que respondeu a esposa: «Tu queres saber mais queo sr. dr.»

Estamos habilitados a dizer que a letra do communicado é do «Commercio de Barcellos»...

E para terminar queremos lhe dar um abraço de boas festas. Venha elle, não tendo comido em antes alguma jantã de serrabulho, pois n'esse caso com a força arrebenta-nos.

Anda ali muita gente atrapalhada com a figura que estamos fazendo—sem vergonha nem decôr—publicando retratos como os do Gallinha e Boca, na «Lagrima».

Como não estamos na quaresma, é-nos deshabitual penitenciar dos peccados commettidos...

...No entanto como «a morte é certa e a hora incerta», e diz o proverbio toscano que

«devemos trabalhar para o outro mundo, como se vissemos de morrer hoje, e, para este como se tivéssemos de viver sempre», fomos procurar um padre mouco e dissemos lhe da nossa culpa.

De joelhos, a um canto d'uma sachristia d'aldia, sieneiosa, batemos no peito e foi assim que nos confessamos:

—«Senhor! O mundo é muito diverso nas suas manifestações physicas, moraes e intellectuaes. Ha uns seres que merecem respeito pelo seu saber, outros pelo seu intellecto; e ainda os ha que, pelo character, caridade e bondade, se impõem ao respeito dos povos.

Depois, senhor, la vem o reverso: as anomalias, as aberrações: o bebado; o mau; o estúpido.

Consagrar a intelligencia, clara, por exemplo, faz differença de evidenciar a phenomenical escupidéz...

Pôr á observação da sciencia, Urbino de Freitas; não dispensa de trazer ao exemplo, o character do Visconde Oliveira...»

Terminando aqui a nossa *descarga*, para purificação da alma, o padre, um santo velho, que já lê na Biblia ha 70 annos, absorveu-nos assim:

—«Perdoe-lhes, Senhor, que não sabem o que dizem, e perdoe-lhe, tambem, irmão, porque somos obrigados a desculpar os erros do proximo. Absolve-vos, dizem lo: que deveis publicar na galeria do Boca aquelles que não comprehendem a incompatibilidade d'um bebedo de profissão com um poeta de raça.»
Amen.

O João Oliveira, que é philosopho e républicano, está gostando que essa terra sofra dos progressistas o dissabor de lhe deixarem ir comarcã e a aula complementar, e dos regeneradores o desgosto de não se revoltarem contra a levada da aula do latim.

Diz elle que, um povo assim, o que quer é vinho e, então, procura dar-lhe por modicos preços rascante, de varias qualidades, e biscoitos, de muitos feiços.

Contra as frieiras, rapaziada, branco espumoso, do João.

A ele que é da cor...

A photogravura que sae hoje na «Lagrima» é devida a uma photographia primorosa do habil photographo, nosso amigo Julio Valongo.

O Trinta Reis quiz ter espirito e teve o parodian lo a celebre phrase do sr. administrador do concelho, n'este telegramma para Vigo: «Mande já dous custaes pescada. Custe o que custar».